

Bestiário de uma docência

Josimara Wikboldt Schwantz¹

Carla Gonçalves Rodrigues²

Resumo:

Criamos um bestiário, cartografando, ao modo Deleuze-Guattari, Deleuze-Guattari, a constituição do estilo animal na docência. Como proposta literária e artística de pesquisa em educação, este bestiário serviu de suporte para a análise/transformação conceitual. Desenhamos mapas no rastro de forças e signos das «escrileituras» produzidas na oficina Conatus. Os cenários fabulados expressam uma vida que existe por si, onde humano e animal passam a ser indiscerníveis: «Carrego o peso da discórdia, de uma estranha criatura que se apossou deste corpo antes cansado, para assim orientá-lo até o front. A luta é motivo todos os dias, em estado de vigília, este corpo- agora-cavalo-mulher, pouco descansa. Chicoteia com seus cabelos-crinas palavras que ferem. Ergue-se na sela e continua a cavalgar». (Fragmento do bestiário, Amazona). Pela borda intensiva manifestou-se o estilo na pluralidade de efeitos causados, na transgressão da imagem e na mutação de ideias em torno do ser professora [Antenada, Ursa, Amazona, Rata].

Palavras-Chave: Bestiário; Cartografia; Docência; Escrileituras.

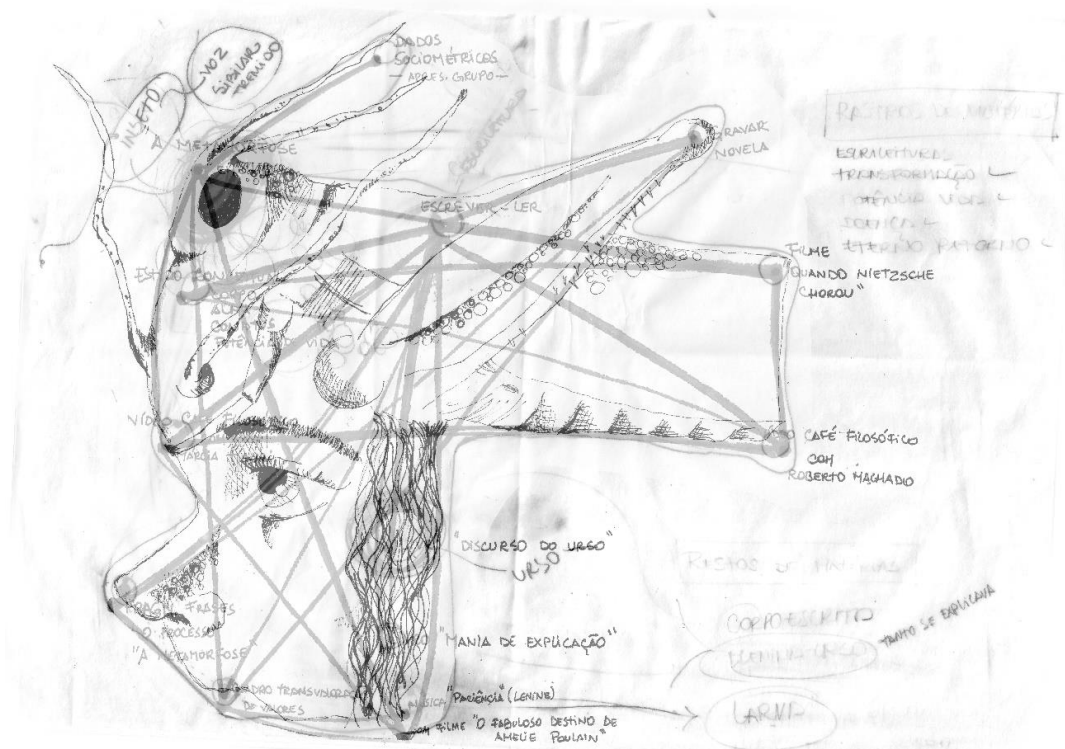
¹ Pedagoga, Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil. Email: josiwikboldt@hotmail.com

ORCID <http://orcid.org/0000-0002-8298-0502>

² Psicanalista, Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil. Email: cgrm@ufpel.edu.br

ORCID <http://orcid.org/0000-0001-8642-8005>

Antenada



Mapa 1. Sobreposição de mapas intensivos do bestiário – Antenada, 2019. Fonte: Elaborado pelas autoras.

E, naquele dia, adentrei a sala com uma estranha sensação. Senti, com maior intensidade, os odores e os tremores do chão batido pelos pés das crianças. Escutei o impacto das classes e cadeiras arranharem o piso. Esquisito era tudo aquilo que um corpo poderia sentir ao entrar num espaço acostumado de mais de quinze anos abrindo aquela porta, caminhando por meio da fila de classes à esquerda e dando um bom dia aos alunos. Sempre da mesma maneira, todos os cinco dias da semana, às oito horas em ponto. Sem nunca se atrasar, sem nunca se adiantar. Às oito e ponto.

Surpreendeu-me tal sensação, juntamente com um certo peso sob a cabeça, que a pendia para o lado e latejava sem doer. A pulsão manifestou uma leve tontura. Por ora, pensei em estar sentindo um peso, literal, do fardo carregado da responsabilidade que é educar. Percebi que algo se aproximava, antes mesmo de bater à porta. Bateram. Bateram mais uma vez. Alguém foi atender, pois a vertigem me tirou a atenção naquele instante. Era um aluno, atrasado quatro minutos. Enfiou-se, sorratamente, pela sala na tentativa de que seu

atraso passasse despercebido. Observou o meu semblante, ficando sem entender o motivo de a professora estar sentada, ainda, às oito horas e quatro minutos, com as mãos sob o rosto. Permaneceram todos quietos, tentando achar um meio de me dizer sobre dois estranhos cabinhos pendurados na parte superior de minha cabeça.

Antenas! Surpreendentemente, um par de antenas acabaria agora de nascer. Talvez este acontecimento tivesse sido gerado pelo fato de, na noite anterior, percorrer (numa vigésima quarta e, quem sabe, última tentativa) caminhos estreitos da mata à procura de pequenos insetos para aprisioná-los numa caixa. E isso fazia de mim uma pequena colecionadora.

Aquela vida me intrigava. Surgida há milhões de anos, sabia dessa existência, tão longa e, ao mesmo tempo, tão breve. Via neles uma diferenciação incomum: os que vivem em comunidades com capacidade de aceitação de uma vida organizada e hierárquica, adaptando-se a funções de trabalho preestabelecidas; os mais solitários, ao conquistar o talento de imobilizar-se, por muito tempo, num mesmo e determinado lugar (sem exhibir qualquer ação premeditada) esperam por algo acontecer para tirá-los do lugar; e aqueles considerados “antenados”, por utilizarem desta parte corporal para farejar situações comuns, admiráveis e inesperadas, celebrando acontecimentos na comunidade.

Nesta aventura quase crianceira de capturar insetos, pude observar, durante muitas horas e meses dedicados a esta tarefa, que alguns já nasciam prontos. Mas que, também, outros precisavam passar por um longo processo de desenvolvimento, esperando, pacientemente, cada uma das suas fases de transformação. Comecei a guardá-los na caixa de vidro e, numa caderneta preta, anotava suas particularidades.

Com sibilar tremido, alguns deles ecoavam naquele pequeno espaço. Parecia, até mesmo, que esperavam por uma resposta minha, mas nem ao menos tinham a certeza de estarem sendo escutados. Resistentes e com uma memória multiplural, desenvolviam atividades ali mesmo, por vezes, em torno de uma programação *in natura* que lhes cabia, rejeitando uma sabedoria adquirida e supostamente relevante. Algo de instintivo habitava aqueles corpos, tomado por ações de puro impulso.

Eu gostava de olhar os mais jovens que, com um zumbir potente, faziam-se escutar nas diferentes divisões da casta construídas naquela redoma. Por serem menos experientes, deixavam-se tomar por ideias alheias, e isso lhes acarretava uma enorme confusão. Ainda atrapalhados para encontrar sua função dentro do dinâmico, orgânico e sistematizado modo de vida, sobressaía a capacidade de escuta e observação. Dançavam conforme os silvos alheios.

Um dia, há muito tempo, dei com uma urso que percorria os canos do prédio. Contou-me como se sentia alegre ao poder nos fazer carinho no rosto quando levantávamos pela manhã. Eu disse então, com um certo espanto, que jamais poderia compreender como isso era possível (pois a vida é, assim, feita a golpes de pequenas surpresas), alguém viver nos canos de um prédio e ainda nos acariciar o rosto pela manhã. Decreei que gostava da ideia, mas que não imaginaria conviver com(o) uma urso.

Apesar de não imaginar, sentia-me mil vezes mais sensível. Farejar tornava-se a ação menos premeditada, movendo-me pelo nariz, levando-o para onde o odor fazia sentir na pele. Compreendi que sua existência (nessa “aventura” de percorrer os canos do prédio) tinha a ver com um encanto pelas coisas simples de uma vida. Também abarqueei, na medida do meu próprio olhar, a coexistência entre dois elementos heterogêneos: a urso e os canos de um prédio.

O relato prendia-me porque comportava a dimensão sensitiva de uma literatura posta em jogo, como dinamismo de um estilo manifestado na ação de ler-escrever à (sobre) urso, levando a reencontrar um tênue pensamento: de que ainda ando, em minha breve e tão frágil docência, por canos em uma dimensão escolarizada. Sinto-me a urso que mantém a tubulação limpa e que, por vezes, a mantenho, igual e suficientemente, entupida.

Um detalhe conquista-me: a possibilidade de pôr a vazar a água que passa por estes canos. Torno-me selvagem quando ignoro um saber, abstendo-me de herdar, a partir de outro olhar, aquilo que foi imposto a mim desde quando, manifestadamente, assumo ser o que sou. Às vezes, acontece-me de eu poder, oportunamente, sair do cano, de modo a incomodar os colegas do prédio ao lado. Saio, dou um grunhido e uma farejada no espaço agora tomado com suas possibilidades de habitação frágeis e velhas. Mantenho-me ocupada em observar.

Toda aquela mundanidade causa-me horror. Não cabia no entendimento para que tanto avaliar, compreender, jurar e ameaçar. As vidas que estavam em jogo eram apenas vidas pequenas criancinhas, desejavam brincar, sorrir e, às vezes (mais do que duas ou três vezes no dia), brigar por um espaço em ascensão vivido numa relação entre clãs.

Nesta povoada solidão, fazia-me ouvir e ver conforme as necessidades e desejos. Preparada para o inesperado de um ano que começava, lutava pela própria sobrevivência naquele campo de batalhas, desentendimentos fugazes de ferozes feras indomadas. Tão só mas, ao mesmo tempo, tão cheia de pensamentos, mantinha encerrada em minha particularidade a própria tensão de um saber docente.

Enfio a pata por um buraco da tubulação e a diretora reclama ao encanador que não consegue se concentrar nos afazeres burocráticos da escola. Julgava ter dito sobre aquilo que me emocionava: nadar na caixa-d'água salpicada de estrelas. Deixo-me deslizar por variados canos a fim de verificar uma possibilidade de inversão ou agenciamento, comportando a arte de misturar elementos de diferentes campos do conhecimento humano.

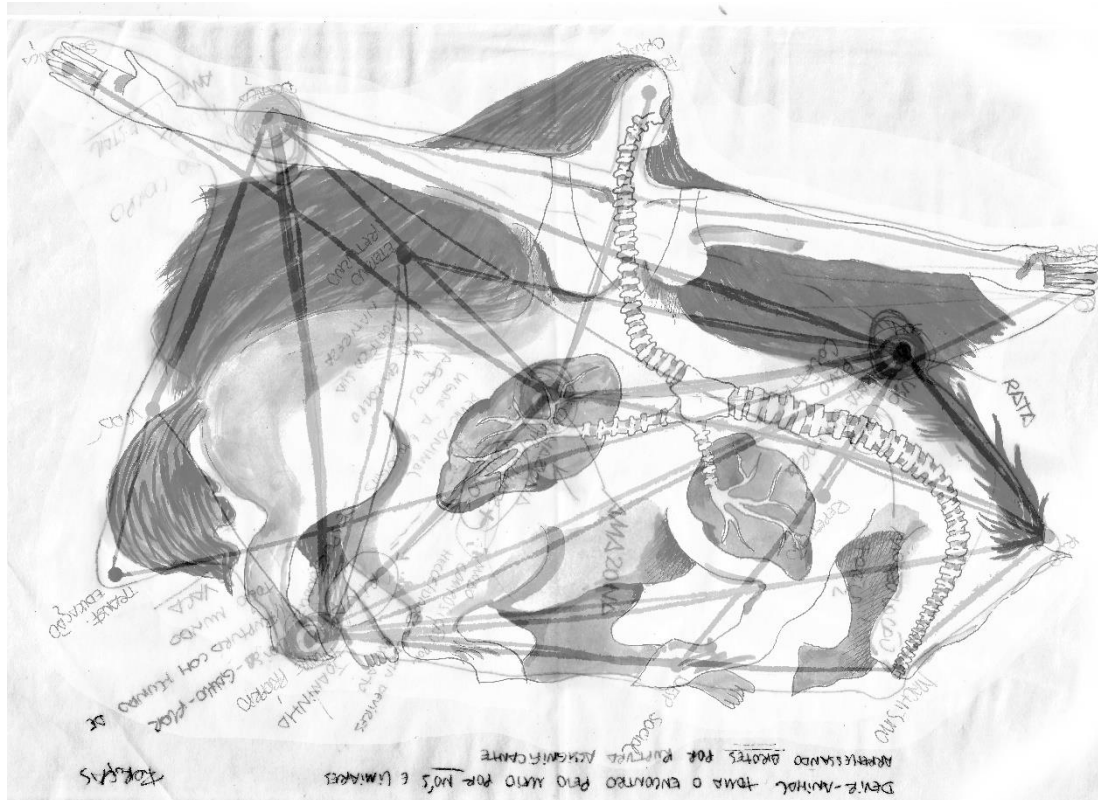
Para isso, espio a escuridão de seus saberes e surpreendo-me em como são tão compartimentados em suas estranhas áreas. Engavetados, discursam sobre a possibilidade de se juntarem, mas isso pouco foge da dimensão da palavra, sabendo do trabalho que é realizar tal tarefa. Eu poderia dizer isso de outra forma: o que funda a natureza da docência é o ato de fazer com.

Nada me chega aos ouvidos mais estranho do que a solidão de um professor. Nem ao menos os ursos, em suas vidas desertas, convivem tão sós. Rodeados de outros seres, andam no seu habitat em comunhão. De maneira nostálgica, tal pensamento leva-me ao que um dia fui, mas também, a chance de ver aquilo que ainda posso ser, o que não foi possível em outrora sensação de vida de urso.

Lambia uma pata, a outra, depois as duas juntas na medida em que sentia as delícias das manhãs naquele lugar. O sol, a árvore grande de amoras, o chão de terra e de cimento (e de como a servente se incomodava com as manchas que as frutas deixavam toda vez que se desprendiam da ponta do galho), as cortinas azul-escuras, meio desbotadas, esvoaçando ao vento adentrado pelas janelas de vidros quebrados. O café recém-passado na pequena cozinha e a inquietude na vacância dos dias ali comportavam o cotidiano de uma existência docente que aprendia e ensinava.

De repente, há mutação brusca de um corpo. Entre pelos e poros, uma sensibilidade é aguçada diante da lei que oprimia o discurso do urso, tornando-se insuficientemente fundamentada. Roía suas garras na medida em que impulsionava ideias futuristas. O que esperar quando se espera? De um ponto a outro perambulado, rastros eram deixados a fim de parecer habitado (mesmo que por poucos segundos) o lugar da parada. E, deste mesmo lugar, uma força a fazia mover-se novamente, para outra direção, levando consigo a experiência de ter estado ali anteriormente.

Agora, sem nenhum ou pouco espanto, sei as delícias e as dores que é ser isto, um ser. Nesta mistura de pelos, pele, bigode, mãos, patas, rosto, focinho, coloco textura a uma escrita composta por estados de um corpo e pensamento desestabilizados, forçando a criar um novo espaço de intensidade.



Mapa 3. Sobreposição de mapas intensivos do bestiário – Amazona, 2019. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Galopeando sobre o cavalo, senti-me puxada. O chicote estalado nas minhas costas teciam rugas na pele e me fazia andar cada vez mais veloz. O pelo já não adormecia a dor que insistia em queimar os poros mais profundos de um lugar de superfície. Que poderia eu dizer ou reclamar? Fazia parte de mim. A posição estava dada, sentada ao lombo daquele animal, éramos uma coisa só, uma mistura. Quatro ou seis patas. Uma crina que protegia o pulmão da água que escorria da chuva torrencial.

Que mais quisera eu, uma simples amazona lutando junto por uma sobrevivência nada natural. O estalar dos cascos dizia da minha necessidade de mais paciência, do pouco pudor em expor ali, naquela sala, um ruído que tilintava no ouvido (da ferradura, quebrando o piso porcelanato). Nada a declarar, nada a protestar. Do que adiantava bradar por um lugar se jamais saberia viver em outro? Caso descesse do cavalo, deixava de ser o que era. A potência amazona só existia em comunhão entre meu corpo e o do cavalo.

Diante do mundo-espetáculo transformado e consolidado em que reside uma vida amazona, onde a miséria aparece, cada vez mais forçosamente, co-

mo alegria, a crueldade como amor e a doença como beleza, coloco esta existência docente a partir da perspectiva das coisas como elas são. Buscar, com isso, escapar de um olhar alienado sobre os acontecimentos.

Com espírito de guerreira, travo batalhas contra tarefas que paralisam. Nem sempre saio desta batalha vitoriosa. Às vezes paro, não consigo encontrar brechas para seguir em frente, tendo de executar as mesmas atividades repetidamente, dia após dia. Um treino de movimentos para avançar na guerra próxima.

Como o próprio nome incita etimologicamente, *ha-mazan*, a guerreira que luta junto, sozinha não vai em frente. A mistura proporciona força para suportar a guerra e, dessa forma, até mesmo enfrentar a morte. Conheci duas amazonas no tempo em que convivi na escola. Uma era bonita; a outra, boa. Tinham um sentimento vivo de que aquilo que faziam as mantinha vivas, juntamente com a comunidade a qual acreditavam proteger.

De uma sabedoria sem igual, muito discretas, percorriam a localidade na busca por novas mulheres que, juntas a seu cavalo, comporiam uma força capaz de suportar a dor e a satisfação de ser docentes. Tornei-me, assim, uma delas. Espreitei como faziam. Fiquei atenta na conjuntura apresentada, mas nada poderia garantir que a experiência seria a mesma. Foi estando lá, cara a cara, dia a dia, fazer após fazer que pude sentir o que de fato é ser e estar sendo professora, e o poder que temos para (trans)formar uma individualidade em coletividade.

Naquela condição amazona, expus-me. O público vislumbrava, o cavalo e eu, em um só corpo. O suor escorria destes dois corpos em sua heterogeneidade, misturando-se e exalando um único aroma. E os movimentos direcionados em volta do picadeiro tornavam-se possíveis, devido ao bramido de uma orquestra e dos aplausos avolumados das mãos da plateia.

Filmada a minha ação, sob um ver (sabe-se lá que adjetivo devo colocar ao lado) alheado da própria suportabilidade da realidade posta em jogo, ergo forças para enfrentar essa situação que invade meu íntimo. Sou movida por esta tragédia veraz que faz oscilar nosso corpo. Um corpo que não só transpira pelo calor, mas por um acontecimento estúpido que fere a existência docente.

Em meio a coices ferradurados no ar, resisto. Corro desabrida sem nada ceder. Na sombra projetada diante de mim, vejo um montante acavalado sobre as costas. Carrego o peso da discórdia, de uma estranha criatura que se aposou deste corpo antes cansado, para assim orientá-lo até o front. A luta é motivo todos os dias, em estado de vigília, este corpo-agora-cavalo-mulher pouco descansa. Chicoteia, com seus cabelos-crinas, palavras que ferem. Ergue-se na sela e continua a cavalgar.

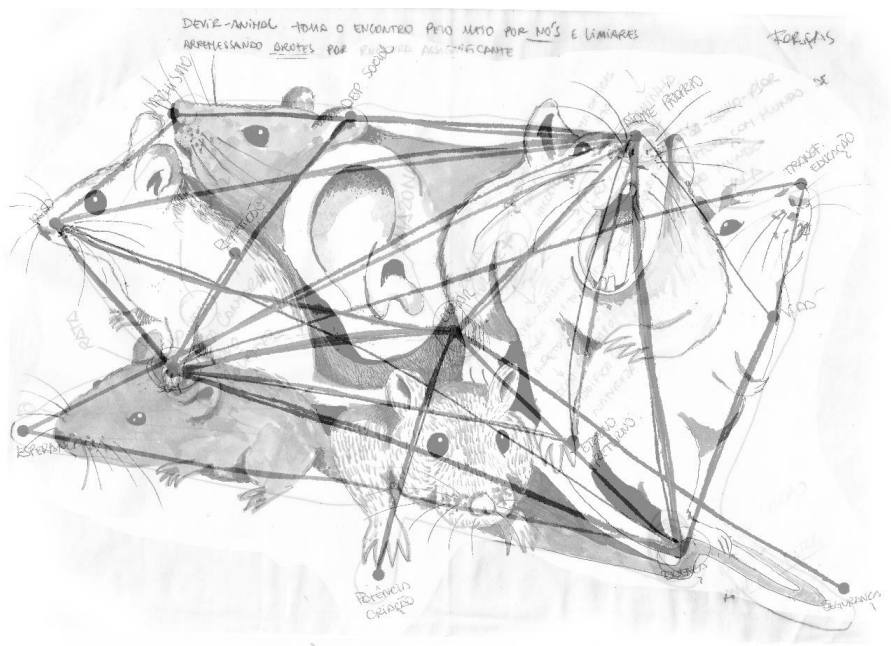
Bradar um basta funcionaria; criar novas maneiras de (re)existir, também. Uma vez que não seja fácil encontrar brechas para tal, une-se em montaria com o cavalo, pois sozinha não haveria força para tal. Uma bela dama olha para o animal, que relincha em tom de aprovação. Esse olhar permitiu alcançar uma sequência de estados intensivos que toca esta escritura.

Pela força amazona, busco uma saída. Por simbiose, há trocas de existências que se misturam, a mulher e o cavalo, tornando-se uma só coisa, uma existência amazona em meio à vida. Nesse encontro, há a captura daquilo que tem mais potência para agir, elevando as forças de existir.

Por vezes, deixo o cavalo partir. E, quando nos despedimos, nenhum sai da mesma forma que começou. Um carrega consigo um pouco do outro, de suas potências vivificadoras (nesta relação de movimentos e repousos), deixando um pedaço de cada uma de suas partículas, o cavalo na partícula humana da mulher e a mulher nas partículas animais do cavalo.

Escrevo nesta possibilidade de habitar outro corpo docente carregado de marcas, em devir-amazona. Com fúria, destroço pensamentos dogmáticos incapazes de manter viva a chama da criação. Talvez por isso seja tão difícil criar, achar uma fenda por onde escapar, uma saída, ao menos. Galopeando, encosto a cabeça sobre a crina e partimos mais uma vez para a próxima parada.

Rata



Mapa 4. Sobreposição de mapas intensivos do bestiário – Rata, 2019. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sabendo que o assobio era uma de minhas particularidades, duvidei se de fato o que fazia fosse algo considerável. A voz retumbava na sala ao passar pelas fronteiras do comum. Poderia ser um canto, um assobio ou um grito. De histeria, preocupação ou loucura. Mas e a enorme comoção que causava? As palavras que saíam da boca ressoavam aos meus ouvidos e da plateia que assistia atônita. Sentia-me frágil com uma pulsação que fazia tremer o palco. Percebia, no canto encantador, um ruído mesquinho e enganador. Doce, frágil, feroz e violenta. Qualidades que preenchem um espaço em transformação.

Para presenciar esta deformada arte docente, precisavam estar atentos para ouvir e, além disso, ver, pois só assim era possível admirar os efeitos causados. Assobio nos fazeres da prática cotidiana. E nem ao menos consigo me dar conta de que o que faço, do que encontro para agenciar, mostrar, é nada mais que uma arte de compor elementos para apresentar a um público que aprende com esta composição. As brechas no planejamento me dão bolsões de ar por onde posso respirar.

Foi num momento de criação que me mostrei má, rejeitando a possibilidade de qualquer aula ser uma aula; de que qualquer aula pudesse ser considerada como arte. Nada havia a temer, era somente fazer como no ensaio e tudo saíria conforme os palcos da vida, onde manipulava personagens e ações teatralizadas. Aprendi isso com professores. Mas agora a representação fugia de cena no instante em que a cortina carmesim subia. Esqueci o roteiro, improvisei de imediato para não me sentir uma rata tola. Cantei um pio fino em dó menor e tudo saiu, não como o esperado, mas como uma forma de saída daquela situação de improviso. A experiência foi, cada vez mais, permitindo esta astúcia.

Ninguém sozinho é capaz de fazer algo grandioso, do que numa coletividade. E, junto ao meu povo, pude perceber isso quando, certa vez, nos mobilizamos para observar um alimento despontado em uma de nossas trilhas. Cuidadosamente, antes de ingeri-lo, passamos a analisar com uma cautela premeditada. Esperamos até que um dos nossos, mais esfomeado, cruzasse frente ao alimento e o comesse. Esperamos novamente a reação daquele corpo, para, então, comunicar à colônia a possibilidade de ingerir ou não determinados provimentos, salvando a todos.

Tudo o que eu mais queria era um reconhecimento de minha arte. Sim, corria contra o tempo, escrevia pequenos lembretes, lia teorizações, juntava atividades, amontoava papéis, falava muito. Porém, e apesar de todo o esforço pedagógico, nada mais vantajoso do que conhecer-se a si mesmo antes de qualquer coisa. Como eu aprendia? Perguntei-me certa vez. Se isso não fosse, de certa forma, qualquer coisa que pudesse ser entendido, como faria para que os estudantes aprendessem aquilo que, dia após dia, assobiava em aula?

O afastamento entre eles e eu, às vezes, se concretizava pela distância do conhecimento em relação ao meu canto e como chegava a seus ouvidos. Na medida em que se despistavam, maior era meu esforço em aumentar a propagação de tais ondas sonoras. Muito mais do que aprenderem também um canto, queria que respeitassem o meu. Falsa tática de um estilo fracassado.

Talvez, por isso, não venham a sentir tanta falta. Estarei livre dos temores demasiadamente humanos para uma vida de rata? No geral, aí se tem uma espécie que se empenha em transformar a profissão em algo digno de se manter num palco. Por isso, as dificuldades em preservar as coisas simples da vida normal, como o poder de um assobio. No fundo da toca, quase incapacitada de sair dela, é que percebi minha única exceção: reclamar por uma felicidade que talvez somente meu canto proporcione. E, juntamente a isso, notei como venho cada vez mais cantando menos. E como já mencionei, o assobio é uma de minhas melhores particularidades.

Entendendo este enigma, pude passar a me ouvir mais demoradamente. Também espantei-me com os rastros que meu próprio corpo deixava aos lugares trilhados. A cola, por ser comprida e mais pesada, desenhava caminhos no chão, uma linha reta se formava, identificando-me a cada região percorrida. Busquei esconder-me, mas vi que era impossível nos caminhos de areia. As marcas estavam por todos os lados.

As reações que causo com meu canto têm a ver com as maneiras de viver: conhecer por que faço de determinada maneira e não outra; que atuações estão implicadas perante a assimilação dos modos como trato meu fazer, etc...etc...etc... Há tempo, possibilidade e vontade de um refazer? Se refazer me consome tempo e energia, e por isso não busco outras formas de exalar meus saberes em canto, como ousarei encarar esta existência escolhida? Todo o esforço lançado em prol de uma variação advém de qualquer coisa que ainda subsiste em nós, povo de camundongos, uma força que vibra na arte de asso-biar³.

O processo de criação do bestiário em uma pesquisa educacional

Em um plano intensivo, capturamos a força emanada dos caminhos entre os pontos de extensão. O bestiário⁴, como um plano de escrita que surgiu em

³ Temos conosco a felicidade de encontrar intercessores que potencializaram a montagem do bestiário docente. São eles: Franz Kafka, Roland Barthes, Waly Salomão, Julio Cortázar, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Nikos Kazantzákis, Modesto Carone, escreteiras radiofônicas da Oficina Conatus, espetáculo A arte da fome, de Carla Bolito (Lisboa).

⁴ Apesar de o termo estar sobrecarregado de um simbolismo negativo atribuído pela cultura judaico-cristã, remetendo a uma exclusão das vidas consideradas não racionais (MACIEL, 2016), buscamos povoar cenários realistas da docência em meio a uma animalidade que não exclui qualquer forma de existência. Por meio da literatura kafkiana, e suas bestas metamorfo-

devir, aparece no desenho traçado da região dos mapas extensivos. Atuou como suporte de análise e agente de transformação conceitual (Sauvagnargues, 2006) da docência.

Em meio ao bestiário, enquanto cenários fabulados e povoados no limite de uma vida docente e sua animalidade, buscamos expressar um mundo que existe por si, no qual o homem e o animal passam a ser indiscerníveis (Deleuze; Guattari, 2012). Neste exercício considerado também de escreleituras, pois escrevemos e lemos a partir de matérias (conceitos filosóficos, literaturas, arquivos) que vibraram em nossa caminhada investigativa, consideramos a animalidade, enquanto devir, como manifestação de um estilo(s) em relação a pluralidade de efeitos causados, a transgressão da imagem e na mutação de ideias em torno do ser professora.

A escrita do bestiário consistiu em buscar saídas, ao modo animal construtor de tocas (Kafka, 2016a), considerando a logística de pensamento para essa construção. Não se concretiza pelo acaso ou por relapsos de imaginação, mas em um processo que envolve a própria construção, sua finalidade, planejamento e imperfeições. Passa por um período lento, de muitas idas e vindas, de cálculos e projeções precisas. A busca por saídas é concebida, também, por uma necessidade, ao modo animal aprisionado em uma caixa (Kafka, 2016b), em que é planejada desde a transformação de algumas atitudes, utilizadas unicamente como estratégias de fuga.

O bestiário provocou a pensar os efeitos e modulações de uma escrita-leitura. Linhas de composição deram vida a imagens de uma docência em estilo animal como elemento pulsante. Conservamos um potencial proliferado na invenção de outra docência com as marcas de uma animalidade. Escrevemos e esculpimos imagens por essas marcas deixadas no percurso da investigação (Rolnik, 1993).

A constituição de um estilo, por meio do exercício de escreleituras, afeta estes modos de ser e atuar na docência no sentido de a tornar mais plural, ao validar outras maneiras de viver que não somente aos moldes de uma racionalidade demasiada humana. Também atinge a docência ao deslocar imagens caracterizadoras do ser professora, transgredindo-as para outros ângulos, de forma a nos colocar a pensar no que estamos fazendo de nós ao impor à sociedade o resgate de um suposto “status profissional”.

Conseguimos transformar nossa categoria e ascender a força de existir, um conatus, a partir de um coletivo. Ao constituir um estilo que problematize o existir docente, bem como a prática pedagógica adotada em determinada cir-

seadas no limite de um corpo humano, conseguimos enxergar a expressão de outros mundos possíveis. Buscamos, assim, entrelaçar a fabulação aos aspectos reais de uma vida docente, transposto no limite entre campos geográficos extensivos e intensivos cartografados.

cunstância de aulas, a docência é afetada, também, por um estado de mutação. Este estado promove alterações de ideias, pensamentos, atitudes, desde uma sensibilidade na escritura e leitura de elementos disponíveis para atuarem como intercessores.

Nesta anomalia professoral⁵, o animal não esteve como substituto do homem, pouco interessou detê-lo em posição de superioridade ou inferioridade, mas sim, colocar uma norma em variação que diz como devemos ser e como podemos exercer nossa pedagogia. Os efeitos e modulações das escrituras, tanto dos professores criadores das audições radiofônicas da oficina de escrituras conatus, quanto da escrita do bestiário para esta pesquisa, apresentaram-se como a própria borda intensiva (Sauvagnargues, 2006) de uma animalidade que vem a habitar a docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Deleuze, G., Guattari, F. (2012). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (vol. 4, S. Rolnik, Trad.). São Paulo: Editora 34.
- Kafka, F. (2016a). A toca. In Kafka, F. *Bestiário de Kafka* (pp. 219-275). (Antologia de textos selecionados e organizados por Álvaro Gonçalves. J. Born, et al., Trad.) Lisboa: Bertrand Editora.
- Kafka, F. (2016b). Relatório a uma academia. In: Kafka, F. *Bestiário de Kafka* (pp. 111-127). (Antologia de textos selecionados e organizados por Álvaro Gonçalves. J. Born, et al., Trad.). Lisboa: Bertrand Editora.
- Maciel, M. E. (2016). *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1 (2), 241-251.
- Sauvagnargues, A. (2006). *Deleuze: del animal al arte*. Buenos Aires: Amorrortu.

⁵ Anomalia como uma irregularidade, algo que foge de um padrão (de formação, de objeto, de estrutura). Utilizamos esse termo para nos referir à saída de um plano que regula uma narrativa de vida docente, constituindo modelos que definem ser um bom/mal professor.